

## O ESTATUTO DA MICROCONSTRUCIONALIZAÇÃO NO QUADRO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

### THE STATUS OF MICRO-CONSTRUCTIONALIZATION IN THE FRAMEWORK OF LINGUISTIC CHANGE

Ana Cláudia Machado Teixeira (UFF)<sup>1</sup> e Ivo da Costa do Rosário (UFF)<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo objetiva refletir acerca do estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística, com o intuito de indicar alguns caminhos alternativos e refinamentos para a proposta teórica de Traugott e Trousdale (2013). Compartilhamos a ideia de que qualquer quadro teórico deve estar aberto a contribuições, revisões e ampliações, tendo em vista que sua aplicabilidade nos dados em uso possibilita ampliar bases e pressupostos. A partir dos estudos empreendidos no Grupo Discurso & Gramática UFF, observamos que o processo de formação da gramática inicia-se efetivamente nas micromudanças mais locais, pontuais e contingenciais por meio de um movimento *bottom-up*, dado que o uso leva à formação de padrões que se regularizam. A proposta é que, uma vez incorporadas pela comunidade linguística, tais mudanças permitem o estabelecimento de um esquema virtual que se torna disponível para posteriores incorporações. Nesse sentido, nossos dados revelam que processos distintos ocorrem em níveis distintos e que a formação de pares de sentido e forma configura-se, de fato, no nível micro, já que níveis mais virtuais são estabelecidos por outros caminhos e, portanto, possuem estatuto diverso. Para restabelecer o equilíbrio teórico, defendemos a reintegração do conceito de *domínio funcional* ao quadro da Linguística Funcional Centrada no Uso.

**PALAVRAS-CHAVE:** microconstrucionalização – construção – mudanças construcionais

#### ABSTRACT

This article aims to reflect on the microconstrucionalization status within the language change scenario, in order to indicate some alternative paths and refinements to the theoretical proposal

1 Universidade Federal Fluminense; [anaclaudiamachadoteixeira@gmail.com](mailto:anaclaudiamachadoteixeira@gmail.com)

2 Universidade Federal Fuminense; [rosario.ivo3@gmail.com](mailto:rosario.ivo3@gmail.com)

of Traugott and Trousdale (2013). We believe that any theoretical framework should be open to contributions, revisions and extensions, considering that its applicability on the data in use allows for the expansion of bases and assumptions. Based on the studies undertaken in the Discurso & Gramática UFF research group, we observed that the process of grammar creation actually begins in more local, specific and contingent micro-changes by means of a bottom-up movement, given that the use leads to the formation of patterns which turn to be regularized. The proposal is that, once merged into the linguistic community, these changes allow the establishment of a virtual schema that becomes available for further acquisitions. In this sense, our data show that different processes occur in different levels and that the formation of meaning/form pairing is in fact configured at the micro level, since more virtual levels are differently established and therefore have diverse status. In order to restore the theoretical balance, we support the reintegration of the concept of *functional domain* to the framework of Usage-based Functional Linguistics.

**KEYWORDS:** microconstrucionalization - construction - constructional changes

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta segunda década do século XXI, os estudos de língua em uso têm sofrido uma significativa reorientação teórico-metodológica, por conta do advento de pesquisas que associam conhecimentos do Funcionalismo Clássico às descobertas mais recentes da Gramática de Construções. Esse “casamento teórico” desponta na Linguística como uma proposta bastante promissora para as pesquisas científicas (cf. ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016).

Esse novo corpo teórico, adotado pelos pesquisadores do Grupo Discurso & Gramática, tem sido denominado no Brasil como *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU). No escopo teórico da LFCU, ao lado das *mudanças construcionais*, a *construcionalização* ocupa um lugar ímpar.

Traugott e Trousdale (2013) inauguram uma nova seara ao explorar esses dois conceitos – construcionalização e mudanças construcionais – que têm servido como base para a fundamentação teórica de diversas investigações linguísticas desenvolvidas no Brasil e no exterior, devido à sua originalidade e adequação.

Entretanto, ao longo desses poucos anos de trabalho com essa base teórica, algumas questões têm sido suscitadas pelos pesquisadores em função de algumas lacunas e/ou formulações pouco desenvolvidas na exposição de Traugott e Trousdale (2013). Um desses pontos é justamente a questão que dá título à investigação aqui proposta: o estatuto da microconstrucionalização.

Este estudo visa, portanto, a lançar algumas reflexões sobre esse conceito, indicando alguns caminhos alternativos e refinamentos, com o objetivo de tornar a abordagem cunhada pelos autores ainda mais adequada e ajustada aos nossos interesses de pesquisa, no campo dos trabalhos de língua em uso no português brasileiro.

Este artigo apresenta, logo em seguida, uma breve exposição acerca dos termos *construcionalização* e *mudanças construcionais*, que constituem os conceitos centrais da obra de Traugott e Trousdale (2013), com especial atenção para o primeiro, tendo em vista os propósitos deste texto. Posteriormente, tecemos algumas considerações quanto às relações entre os conceitos de construcionalização e domínio funcional. Por fim, antes das considerações finais, focamos no tema central deste artigo: a microconstrucionalização.

## CONSTRUCIONALIZAÇÃO E MUDANÇAS CONSTRUCIONAIS

Após apresentar diferentes modelos de Gramáticas de Construções, Traugott e Trousdale (2013) adotam uma esquematização simplificada para representar uma construção linguística. Segundo os autores, uma construção pode ser assim codificada:  $[[F] \leftrightarrow [S]]$ . A letra F é a abreviação de forma, que é composta por SIN(taxe), MORFO(logia) e FONO(logia). A letra S, por sua vez, é a abreviação de sentido, que abrange igualmente três dimensões: DIS(curso), SEM(ântica) e PRAG(mática). Mudanças construcionais ocorrem quando há alteração em algum desses níveis (sintaxe, morfologia, fonologia, discurso, semântica ou pragmática), o que afeta apenas uma dimensão da construção, sem o surgimento de um novo nó na língua.

A *construcionalização*, por sua vez, é definida por Traugott e Trousdale (2013, p. 22) como “a criação de uma forma nova pareada com um significado novo, formando um nó inédito, na rede linguística de uma população de falantes, com nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado”<sup>3</sup>. É acompanhada por mudanças nos níveis de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, que são eleitas como categorias de análise nessa perspectiva.

Rosário e Oliveira (2016, p. 244) postulam que o nível de esquematicidade deve ser considerado em um *continuum*. Assim, “há construções bastante esquemáticas e abstratas, como há construções pouco ou medianamente esquemáticas. Essa gradiência tem a ver com os níveis de generalidade ou especificidade da construção”. Por exemplo, a construção SVO (sujeito – verbo – objeto) é altamente esquemática, pois licencia uma infinidade de frases possíveis em língua portuguesa, por ser um padrão muito básico. A produtividade também é vista em um gradiente, mas faz referência à questão da frequência, que é um fator altamente considerado desde o Funcionalismo Clássico. A produtividade refere-se ao número total de *types* ou de *tokens* de uma determinada construção em um *corpus*. Por exemplo, se o pesquisador investiga um determinado conectivo, a produtividade *token* será equivalente ao número de vezes que esse determinado conectivo ocorre no *corpus*. Por fim, a composicionalidade faz referência ao grau de transparência entre forma e significado no nível da construção. Expressões proverbiais como “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” são bastante opacas, visto que o significado geral da expressão não corresponde à soma de suas partes. Nesse caso, dizemos que a expressão referida é dotada de baixa composicionalidade. A análise desses três fatores permitiu à LFCU a assunção de que o processo de construcionalização envolve aumento

3 “Constructionalization is the creation of form-meaning (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers.

de produtividade e esquematicidade, mas diminuição de composicionalidade.

Traugott e Trousdale (2013) apresentam três diferentes tipos de construcionalização, quais sejam: construcionalização de esquemas, de subesquemas e de microconstruções. Para compreendermos melhor o que são esses conceitos, passemos à próxima seção deste artigo.

## CONSTRUCIONALIZAÇÃO E DOMÍNIO FUNCIONAL

Segundo Traugott e Trousdale (2013), o estudo das construções de uma língua pode ser feito a partir de uma hierarquia que considera três níveis: *esquemas*, *subesquemas* e *microconstruções*. Essa nomenclatura é uma proposta atualizada para os termos utilizados por Traugott (2008): *macroconstruções*, *mesoconstruções* e *microconstruções*, respectivamente. Interessa-nos, neste primeiro momento, o conceito de microconstrução.

As microconstruções são definidas como “membros *type* específicos de esquemas mais abstratos” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14). Assim, por exemplo, o verbo *poder* é uma microconstrução do subesquema *modal* que, por sua vez, está ligado ao esquema mais genérico dos *verbos auxiliares*. As microconstruções são instanciadas na língua por constructos, que são os *tokens* empiricamente comprovados no uso, em uma situação particular, produzidos por um falante (ou escritor) com um propósito comunicativo específico.

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 17), apenas as microconstruções podem ser substantivas e fonologicamente especificadas, já que subesquemas e esquemas são instâncias menos concretas. Em geral, as microconstruções são associadas a *types* de uma construção mais abstrata. Por exemplo, a construção verbal marcadora discursiva VLoc<sup>4</sup>, conforme pesquisado por Teixeira (2015), é um esquema do domínio da marcação discursiva do português, constituído formalmente por um verbo e um locativo, ao qual se associa um conjunto de microconstruções, como será demonstrado adiante.

Ligado a esse esquema mais abstrato, temos o subesquema VLoc, por exemplo, que apresenta as seguintes características: restrição/recrutamento de formas verbais do tipo “movimento” e restrição/seleção de locativos no nível da forma e tentativa de deslocamento de atenção com conseqüente reação, no nível do sentido. Por sua vez, *vem cá*, como exemplificado a seguir, é um *type*, ou seja, uma microconstrução desse subesquema. Vejamos um dado<sup>5</sup>:

(01) Quem é aquele sujeito, que ali vai de roupa clara e um chapéu de palha? - Or' essa! Pois ainda não sabes? respondia um Bento. É o hóspede de Manuel Pescada! - Ah! este é que é o tal doutor de Coimbra?

4 A construção verbal marcadora discursiva VLoc licencia diversas expressões em língua portuguesa, dentre as quais podemos destacar as seguintes: *vamos lá*, *vem cá*, *vá lá* etc.

5 O *corpus* da pesquisa de Teixeira (2015) foi composto por textos dos séculos XIII a XX, perfazendo um total de 22.395.378 palavras. Foram pesquisadas 11 microconstruções do esquema VLoc e encontradas 1.128 ocorrências que permitiram descrever diferentes padrões funcionais de marcadores discursivos muito produtivos no português.

- O cujo! afirmava o Bento. - Mas Brito, **vem cá!** disse o outro, com grande mistério, como quem faz uma revelação importante. - Ouvi dizer que é mulato.. E a voz do Brito tinha o assombro de uma denúncia de crime. (O Mulato de Aloísio Azevedo)

Há um nível mais esquemático em que os *slots* podem ser preenchidos com inúmeras formas verbais e com, pelo menos, cinco locativos e suas possíveis contrações (*aqui [daqui], cá, aí [daí], ali [dali], lá*). Em um segundo nível, há agrupamentos por tipos verbais com uma especificação/restricção dos locativos recrutados para os *slots*. Assim, para o subesquema VLoc, em termos de forma, a partir do tipo verbal *movimento*, há a seleção de duas formas verbais *ir* (*vá* e *vamos*) e *vir* (*vem*), além da seleção de dois locativos (*cá* e *lá*). No último nível de análise, há o *type vem cá*, totalmente preenchido, portanto, substantivo<sup>6</sup>. Eis uma representação esquemática desse objeto:

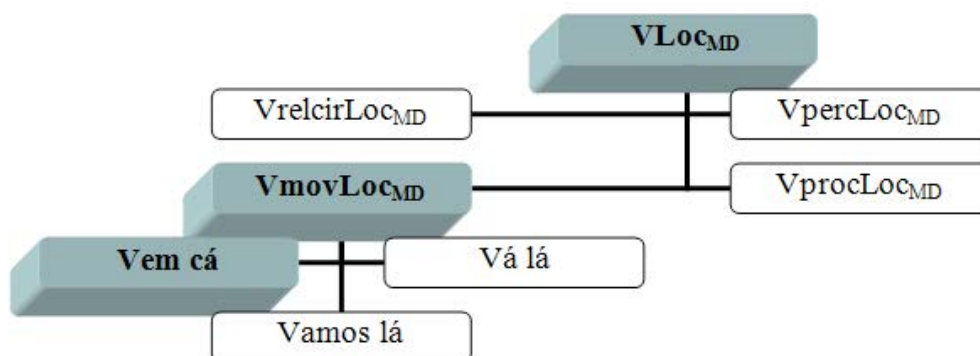


Figura 1 – Hierarquia construcional VLoc<sup>7</sup>

A emergência de novas microconstruções, subesquemas e esquemas, apesar de envolver diferentes processos, tem sido tratada indistintamente na bibliografia sob o rótulo geral de *construcionalização*. Essa questão não está devidamente sistematizada em Traugott e Trousdale (2013), mas, nessa obra, de forma esparsa, é possível detectar informações sobre a *construcionalização de microconstruções* (ou *microconstrucionalização*), *construcionalização de subesquemas* e *construcionalização de esquemas*. As referências podem ser sintetizadas no quadro a seguir:

6 Quanto à especificidade fonológica, as construções podem ser *substantivas*, *esquemáticas* ou *intermediárias*. *Construções substantivas* são as totalmente preenchidas (como é o caso de *vem cá*, especificado no texto). *Construções esquemáticas* são as não preenchidas (como é o caso de *VLocMD*). Por fim, as *construções intermediárias* são as que mesclam partes preenchidas com partes não preenchidas (como é o caso de *Adj – mente*, que forma as palavras *velozmente*, *claramente*, *sabidamente* etc.).

7 As siglas da hierarquia construcional referem-se aos seguintes tipos verbais: Vrelcir - verbo relacional circunstancial; Vperc - verbo de percepção; Vproc - verbo de processo; Vmov - verbo de movimento.

Construcionalização de microconstrução	Construcionalização de subesquema	Construcionalização de esquema
<p>Embora o desenvolvimento de esquemas, subesquemas e microconstrucionalizações gramaticais sejam graduais, microconstrucionalizações lexicais podem ser instantâneas. (p. 26)</p> <p>Existem mudanças construcionais que podem alimentar a construcionalização de uma nova microconstrução, isto é, forma nova e significado novo pareados. (pág. 123).</p>	<p>Gradualmente, o segundo elemento do composto pode tornar-se um afixoide com significado abstratizado [...]. Isto é construcionalização de um subesquema, a qual é seguida pela adição produtiva de compostos ao subesquema. (p. 174)</p> <p>[...] a evidência para a construcionalização de um (sub)esquema é fornecida pela comprovação de aumentos significativos em construções-tipo [<i>type-constructions</i>]. (p. 170)</p>	<p>A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micro-passos e é, portanto, gradual. (p. 22)</p>

Quadro 1 – Trechos com menção aos tipos de construcionalização

Com base no quadro anterior, podemos tecer algumas considerações. Com relação à primeira coluna, que trata da construcionalização de microconstruções, verificamos que os autores adotam um termo bastante apropriado e preciso: *microconstrucionalização*. Trata-se de um processo muito específico, que dá origem a microconstruções, compreendidas como construções individuais da língua, que se realizam morfossintaticamente por meio de constructos.

Com relação aos dois outros processos (construcionalização de esquemas e subesquemas), as referências são bastante superficiais e lacônicas. Entretanto, são processos reconhecidos, visto que são citados e minimamente explicitados em termos conceituais, como pode ser visto no quadro 1.

Feitas essas breves observações, precisamos aprofundar alguns pontos. Se considerarmos, com base na própria definição apresentada pelos autores, que a construcionalização gera um novo nó na rede, *com forma e significado novos*, conforme atestam Traugott e Trousdale (2013, p. 22), surgem duas questões:

- a) O conceito de construcionalização é adequado para a criação de novos esquemas e subesquemas, tendo em vista seus característicos níveis de abstração e genericidade?
- b) As construcionalizações operadas nos três níveis (esquema, subesquema e micro) são de naturezas distintas ou semelhantes?

Apesar de serem basilares, essas questões estão diluídas em Traugott e Trousdale (2013). Com relação à construcionalização de esquemas, os autores assinalam:

“A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem, do mesmo modo, ser criadas gradualmente, mas elas podem ser também instantâneas. Microconstruções gradualmente criadas tendem a ser procedurais, e microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, grifo nosso).

Os autores falam textualmente em “construcionalização de esquemas”. Esse rótulo precisa ser problematizado, tendo em vista que a construcionalização, segundo a própria definição dos autores, cria um novo pareamento de forma e significado. Afinal, o que seria a *forma* de um esquema? Os autores admitem que o nível da forma abarca propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. O nível do significado, por sua vez, engloba propriedades discursivas, semânticas e pragmáticas. Diante disso, reiteramos a pergunta: Como atestar os traços da forma (sintaxe, morfologia e fonologia) em um nível que é marcado justamente por uma forte abstração, como é a instância do *esquema*<sup>8</sup>? Acrescentamos que, mesmo em termos de significado, não fica clara a detecção de traços pragmáticos e discursivos no nível do esquema. No máximo, temos alguma informação – bastante geral, por sinal – do nível semântico.

Partimos para uma ilustração mais concreta da questão. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 17), os itens *many*, *a lot*, *few* e *a bit of* seriam microconstruções pertencentes ao esquema dos *quantificadores* da língua inglesa, tal como apresentado na figura a seguir:

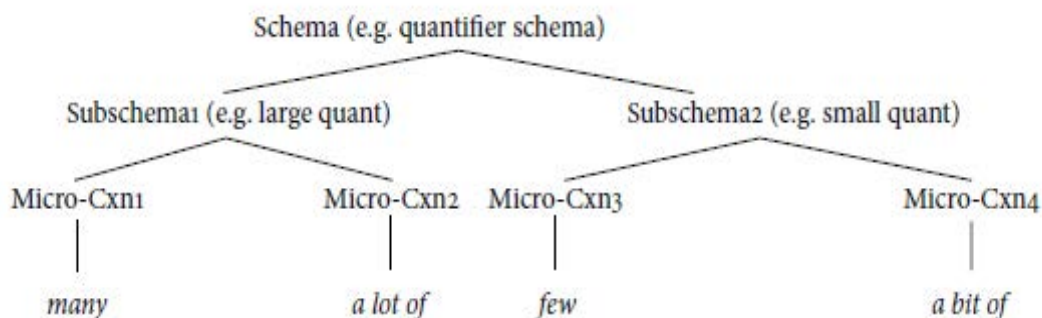


Figura 2 – Hierarquia construcional dos quantificadores

Tomando esse exemplo como ponto de partida, surge a questão: Qual seria a parte formal dos *quantificadores* (considerado um *esquema* pelos autores)? Quais são as suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas? Essa categoria aponta para uma abstração tão alta que dificilmente conseguiríamos associar uma “forma” ao significado genérico de elementos que indicam quantidade.

O esquema *VLoc* permite uma descrição formal (como já foi apontado anteriormente), mas, com relação ao suposto esquema dos quantificadores, isso já não parece ser possível. Estariam *VLocMD*

8 Traugott & Trousdale (2013, p. 14) definem *esquema* da seguinte forma: “Em nosso ponto de vista, esquemas linguísticos são grupos de construções semanticamente gerais e abstratas, procedurais ou de conteúdo. São abstrações realizadas a partir de construções que são (inconscientemente) percebidas por usuários da língua, estreitamente relacionadas umas às outras em uma rede construcional” [In our view linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful, as discussed in the preceding subsection. They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the constructional network].

e *quantificadores* em um mesmo nível? Defendemos que não. Em nossa concepção, não é adequado considerar este último (*quantificadores*) como esquema, visto que se configura de forma bastante diferente e é altamente abstrato.

Essas reflexões atestam a plausibilidade de considerarmos o termo *construcionalização* como demasiadamente vago ou impreciso para abarcar a nova formação de entidades tão distintas como são os esquemas, os subesquemas e as microconstruções. Afinal, ora refere-se à gênese de noções bastante gerais e abrangentes na língua (como é o caso dos *quantificadores*), ora refere-se a noções de caráter mais específico e pontual (como é o caso de VLoc).

Uma proposta que apresentamos para essa questão tem a ver com os níveis indicados por Traugott e Trousdale (2013). Segundo os autores, a hierarquia construcional pode ser representada por meio de esquemas, subesquemas e microconstruções. Sugerimos que a essa proposta seja acrescentado um nível de caráter ainda mais abstrato, destituído de uma formalização específica: o nível do *domínio funcional*. Teríamos, portanto, o seguinte:

**Domínio funcional**



**Esquema**



**Subesquema**



**Microconstrução**



*Constructo*

O conceito de *domínio funcional* está na base do Funcionalismo Clássico, tendo sido usado, por exemplo, por Givón (1984, p. 20) e por Hopper (1991, p. 22) em uma acepção semelhante à que propomos neste trabalho. Domínios funcionais são grandes áreas como referência, caso, impessoalização, *irrealis*, tempo, modo, aspecto etc. Segundo Givón (1984, p. 25), as línguas podem codificar um mesmo domínio funcional por meio de diversas estruturas. Naturalmente, todo o debate em torno da Gramática de Construções, àquela altura, não existia. Entretanto, defendemos que a inclusão do conceito de *domínio funcional* à abordagem construcional da gramática é perfeitamente possível e adequada, além de estabelecer uma hierarquização mais consentânea com as pesquisas que desenvolvemos.

Nessa concepção, os *quantificadores*, bem como os correlatores, subordinadores, modalizadores, coordenadores, focalizadores, marcadores discursivos e outros poderiam ser abrigados nesse rótulo de *domínio funcional*, tendo em vista sua alta abstração e múltipla possibilidade de codificação linguística.



A adoção do conceito de *domínio funcional* no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, dentre várias vantagens, permite uma visão mais precisa da hierarquização construcional da gramática, tendo em vista que nem todos os fenômenos linguísticos são fáceis e elegantemente esquematizados em três níveis: esquema, subesquema e microconstrução. Reiteramos que nem sempre isso é possível. Por exemplo, com relação a VLoc, seria bastante verossímil propor que *marcação discursiva* ocupe um nível superordenado em relação à VLoc. Nesse sentido, *marcação discursiva* seria um domínio funcional dentro do qual o esquema VLoc estaria abrigado. Seria possível pensarmos até mesmo em arquidomínios, como entidades ainda mais abstratas, o que demandaria maiores investigações por parte dos linguistas.

Domínios funcionais são “áreas linguísticas” bem mais gerais e não passam por construcionalizações, ou melhor, não existe “construcionalização de domínios funcionais”. Em certo sentido, entendemos os domínios funcionais como “universais linguísticos” na perspectiva de Cunha et al. (2013, p. 16). Assim dizem os autores:

“É a universalidade dos usos a que a linguagem serve, nas sociedades humanas, que explica a existência de propriedades que se manifestam na maioria das línguas – os universais linguísticos, – em contraposição à postura gerativista, que considera que os universais derivam de uma herança linguística genética comum à espécie humana [...]. As construções conhecidas como universais linguísticos parecem refletir universais psicológicos e socioculturais que contribuem para o entendimento da natureza do pensamento humano e da interação social.”

Ao falar em universais linguísticos, os autores supracitados têm o cuidado de estabelecer uma distinção bastante clara entre a concepção funcionalista e a concepção gerativista para essa questão. A recuperação do conceito de *domínio funcional* associa-se fortemente com a ideia de *universal linguístico*, também denominado, em alguns estudos funcionalistas e tipológicos, como *tendências translinguísticas*. Trata-se de “universais psicológicos e socioculturais” presentes, senão em todas, em grande parte das línguas humanas.

## MICROCONSTRUCIONALIZAÇÃO

Feitas essas observações, partamos para um outro ponto focal das questões que estamos discutindo neste texto. Defendemos que o estatuto da **microconstrucionalização** deva ganhar maior relevo nas pesquisas desenvolvidas no campo da LFCU, devido à sua precisão. Afinal, a microconstrucionalização é um conceito totalmente compatível com a criação de nova forma e novo significado, já que exhibe essas duas partes de forma clara e inequívoca. Traugott e Trousdale (2013, p. 26) propõem a existência de dois tipos de microconstrucionalização: “Enquanto o desenvolvimento de esquemas, subesquemas e microconstrucionalizações gramaticais são graduais, microconstrucionalizações lexicais podem ser instantâneas”.

O nível da microconstrução ocupa grande centralidade na LFCU, pois a tradição funcionalista baseia-se fortemente nos *tokens* empiricamente comprovados, ou seja, nos constructos, que permitem ao analista postular as microconstruções de onde derivam.

De fato, o constructo, ou seja, o dado flagrado no uso, é o *locus* da mudança, como já defendia a primeira geração dos funcionalistas clássicos. É nesse sentido que Neves (2004) considera o uso da língua em relação a todo o sistema um ponto central da análise funcional, ou seja, o significado em relação às formas linguísticas e o social em relação às escolhas individuais do falante. É a partir do uso efetivo, vinculado aos contextos, que a mudança linguística é motivada. Logo, consideramos que o estatuto da microconstrucionalização é primário, no sentido de preponderante e fundamental para a LFCU.

O mesmo refinamento teórico precisa ser conferido aos processos de criação de novos esquemas e subesquemas. Diante dessa defesa, propomos que o conceito de *construcionalização* seja reinterpretado, por meio da adoção de termos distintos que representem mais fielmente os diferentes processos aqui discutidos:

- Criação de novo esquema → **Esquemematização**<sup>9</sup>.
- Criação de novo subesquema → **Subesquemematização**.
- Criação de nova microconstrução → **Microconstrucionalização** ou **Construcionalização**.

Julgamos essa proposta plausível, por conta de alguns fatores:

1. Cria um pareamento coerente entre *esquema*, *subesquema* e *microconstrução* com os termos *esquemematização*, *subesquemematização* e *microconstrucionalização*, respectivamente.
2. Leva em consideração dois conceitos já em uso na literatura linguística: *esquemematização* e *microconstrucionalização*, sendo reaproveitados e realinhados em uma proposta mais sistemática e orgânica.
3. Permite uma distinção mais clara entre os processos de formação de microconstruções (nível mais concreto), e formação de subesquemas e esquemas (níveis mais abstratos).

Assim, os processos de criação de novos subesquemas e esquemas, segundo a proposta aqui apresentada, não seriam concebidos como casos de *construcionalização*. Ao contrário, esse termo ficaria reservado apenas para o processo de criação de microconstruções, tanto no plano lexical quanto gramatical. De certa forma, isso é indiretamente já assumido por Traugott e Trousdale (2013, p. 92, grifos nossos):

<sup>9</sup> Soares (1997), no âmbito da Linguística Cognitiva, já faz uso do termo “esquemematização”, logo, não é um termo inaugural neste artigo. Segundo o autor, a esquematização é um processo implicado na categorização e engloba generalização ou abstração.

Construcionalização ocorre apenas quando neoanálises morfossintáticas e semânticas que surgem [na etapa da convencionalização] são compartilhadas em uma população de falantes e uma nova unidade simbólica convencional, portanto uma nova microconstrução (um novo nó-tipo) é criada. Na pós-construcionalização, mais mudanças construcionais podem ocorrer, especialmente as construções-tipo que podem ser expandidas e reorganizadas como subesquemas.

O termo *construcionalização*, de fato, é mais coerentemente utilizado para a designação de um novo pareamento de forma e significado, e não para designar a emergência de novas entidades em instâncias mais genéricas e abstratas, como os esquemas e subesquemas. Em síntese, construcionalização é microconstrucionalização. Essa associação, acrescida do conceito de domínio funcional, torna coerente toda a sistematização teórica realizada por Traugott e Trousdale (2013).

A própria formação morfológica dos termos *esquematização* e *subesquematização* (sem a base *construc-*) permite uma maior transparência no significado desses conceitos, visto que são níveis mais abstratos e genéricos, marcados por menor concretude, ao contrário das microconstruções.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), inicialmente, as mudanças construcionais e construcionalizações são locais, afetando microconstruções em particular. Entretanto, algumas dessas mudanças podem ser vistas como parte de mudanças sistêmicas mais amplas. Essa asserção reforça a hipótese de que o surgimento de microconstruções (microconstrucionalização) é de uma natureza distinta do surgimento de subesquemas e de esquemas.

Em geral, a subesquematização e a esquematização são precedidas de mudanças construcionais nas microconstruções em uma sucessão de micropassos (especialmente no plano gramatical). Esses dois processos, portanto, são o resultado de uma acomodação das microconstrucionalizações que se estabelecem a partir do uso efetivo, do constructo. De fato, Traugott e Trousdale (2013, p. 26) afirmam que os “produtos da construcionalização podem resultar em mudanças nos esquemas e subesquemas”. Ou seja, os (sub)esquemas são formados, moldados e alterados gradualmente na medida em que as microconstruções surgem. Quando novos (sub)esquemas se formam, por sua vez, eles podem exercer atração do tipo *top-down*, motivando novas microconstrucionalizações. Assim, concluímos que são processos distintos, mas fortemente inter-relacionados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias aqui propostas, sem dúvida, ainda estão abertas a discussão, especialmente com base em pesquisas baseadas em mais *corpora* de língua em uso. Como a *construcionalização* ainda é um conceito em elaboração e em processo de testagem empírica, consideramos que essas questões são pertinentes, tendo em vista a necessidade de refinamento teórico e de maior clareza conceitual.

Assim, postulamos uma hierarquia construcional que vá além da tríade apresentada por Traugott (2010) e/ou Traugott e Trousdale (2013), ao incorporar o nível do *domínio funcional* e possíveis desdobramentos em níveis ainda mais abstratos como arquidomínios. Igualmente defendemos que a microconstrucionalização deva ocupar lugar privilegiado nas pesquisas desenvolvidas no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Há diversos outros pontos que estão associados à temática trazida neste artigo como a possibilidade de a construcionalização ser utilizada em pesquisas sincrônicas, além do cotejo entre a nova nomenclatura da hierarquia construcional (esquema, subesquema e microconstrução) e a anterior (macroconstrução, mesoconstrução e microconstrução). Essas questões igualmente importantes, infelizmente, não puderam ser discutidas, devido ao espaço exíguo disponível e à necessidade de reflexões mais aprofundadas sobre esses temas. Essas limitações são, portanto, permanentes convites à pesquisa.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, F. da M. A (et. ali). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013.

GIVÓN, T. *Syntax*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: *Alfa*, São Paulo, Vol. 60 (2), 2016, pág. 233-259.2016.

SILVA, A. S. da S. A linguística cognitiva - Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 1, Nº 1-2, 1997, págs. 59-101.

TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2015.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English”, in Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra, eds., *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G.. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. Constructions in grammaticalization and lexicalization. Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: G. Trousdale & N. Gisborne (eds.) *Constructional approaches to English grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

**Recebido em 14/09/2016**

**Aceito em 25/10/2016**